

O REALISMO METAFÍSICO NA FILOSOFIA CONTEMPORANEA

Fábbio Cerezoli de Oliveira (PIC/CNPq/FA/ UEM), Mateus Ricardo
Fernandes Ferreira (Orientador), e-mail: fabiocerezoli@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes/Maringá, PR

Filosofia/ Metafísica

Palavras-chave: Quine, Armstrong, Ontologia das Propriedades

Resumo: Este trabalho consiste em um estudo do Realismo Metafísico na filosofia contemporânea e tem por objetivo a realização de um inventário e uma apresentação das diversas teorias que nas últimas décadas se destacaram no debate filosófico sobre a natureza das propriedades. Em especial, o projeto busca compreender as teses defendidas por D. M. Armstrong e como a filosofia desse autor pretende dar respostas às filosofias rivais, como a quineana.

Introdução

É comum falarmos no vocabulário do senso comum, bem como na ciência, que certos objetos são do mesmo tipo. É comum dizermos que certos animais particulares são cães. Na taxonomia científica será dito que os cães são *canis lúpus familiaris*. Dizemos que certos objetos particulares (casas, flores, maçãs) são vermelhos, mas é possível que a mesma propriedade – a vermelhidão - que está num objeto esteja noutra espaçotemporalmente diferente? Este é o famoso problema da ontologia das propriedades, também conhecido como *um em muitos* ou ainda o problema dos universais.

As respostas para o problema que apresentamos acima costumam variar entre os que afirmam a existência das propriedades comuns a coisas diversas (os realistas) e aqueles que, contrariando a postura realista, afirmam que não há uma propriedade comum a certos particulares, sendo que a propriedade é apenas um nome que é atribuído aos particulares (nominalistas).

Essa discussão entre os defensores da realidade das propriedades e seus opositores teve início na Grécia Antiga e permanece sendo discutida nos trabalhos de filósofos contemporâneos como Quine e Armstrong. O primeiro é partidário do nominalismo ao passo que o segundo é um defensor da realidade das propriedades. Nosso propósito será buscar as diferentes respostas do problema na filosofia contemporânea, dando ênfase nas oposições que Armstrong faz em relação ao *critério de compromisso ontológico* de Quine (e seus seguidores como Devitt) que tende ao nominalismo.

Tendo em vista a centralidade desta discussão na história da filosofia e sua permanência na filosofia contemporânea, se mostra relevante investigarmos as respostas que ambos os filósofos procuram dar ao problema.

Materiais e métodos

Leituras e fichamento das obras de Quine que versam sobre o tema da ontologia das propriedades, a saber, *Sobre o que há* (1963) e *Relatividade ontológica* (1989). Também investigamos os textos de Armstrong *Against ostrich nominalism* (1980) e *Universals and Scientific Realism* (1978), que tratam do tema em questão. Os trabalhos de comentadores de ambos os autores também foram empregados em nosso trabalho.

Resultados e Discussão

Quine em *Sobre o que há* (QUINE, 1963), visando fundamentar uma ontologia menos expandida, trata do problema da existência. No referido artigo ele nos recorda que na linguagem ordinária, mesmo em declarações negativas como ‘Pégaso não existe’, nós parecemos nos comprometer com a existência daquilo que procuramos negar (QUINE, 1963, p.1). Quine, tendo em vista o presente problema, lança mão de seu *critério de compromisso ontológico*, que afirma que “ser é ser o valor de uma variável ligada”. Tal recurso permite que nós nos comprometamos apenas com entidades particulares que podem ocupar o lugar de uma variável ligada. No entanto o critério proposto por Quine acaba por excluir de nossa ontologia universais, como é o caso da vermelhidão (QUINE, 1963, p.10). Segundo o critério, apenas entidades vermelhas particulares - como uma flor particular – são valores de uma variável ligada nas melhores teorias científicas disponíveis, mas não a vermelhidão.

Armstrong (ARMSTRONG, 1980) por sua vez irá se insurgir contra tal critério, pois ele parece problemático. A crítica ao critério quineano se baseou, principalmente, na impossibilidade de excluir a menção a universais em certas proposições. Dessa maneira, o *compromisso ontológico* de Quine, que afirma apenas o comprometimento com particulares sensíveis, além de números e classes, é posto em dificuldade, uma vez que se torna impossível não fazer menção a universais. Armstrong (1980, p.444) recorda que o próprio Quine admite não conseguir com seu critério excluir todos os casos que introduzem universais. O caso das espécies seria o exemplo de uma falha no *critério de compromisso ontológico* quineano (QUINE, 1963, p.13) Não há como reduzir, segundo os critérios adotados pelo compromisso, espécie a um particular.

Outra crítica que Armstrong faz a Quine é devido ao fato deste último não oferecer explicação satisfatória ao fato de que certos *tokens* são do mesmo *type*. Tal ausência é uma ação similar a do avestruz que enterra a cabeça na terra para não ter que enfrentar o problema. É por conta disso que Armstrong nomeia a atitude de Quine e seus seguidores de *nominalismo do avestruz* (ARMSTRONG, 1978, p.16).

Armstrong, após mostrar as falhas do critério defendido por Quine e seus seguidores, descreve o seu realismo de propriedades, que ele mesmo considera ser mais moderado que o nominalismo, uma vez que aceita tanto particulares quanto universais. No entanto, tal postura enfrenta o problema que recai sobre todas as formas de realismo, a saber, de explicar como os universais se relacionam com particulares e como os particulares se relacionam entre si.

Para dar conta deste problema, Armstrong recorre a sua teoria dos *estados de fatos* [*state of affairs*]. Esta teoria repete o *atomismo lógico* de Russell que diz que, embora possamos distinguir um particular de suas propriedades, no entanto, ambos estão tão intimamente conectados que se torna difícil falar estritamente de uma relação entre eles. O *fator individuante* e a natureza são incapazes de existir separados. Tal separação é uma abstração que fazemos, porém o que de fato ocorre é que estes estão tão conectados que se torna impossível separá-los. Essa saída, que recorre a um realismo imanentista não relacional, também resolve o problema de explicar como dois particulares estão numa relação, evitando assim um regresso ao infinito, uma vez que não há uma relação de fato (ARMSTRONG, 1980, p.448).

Conclusões

Nosso trabalho buscou apresentar, num primeiro momento, recorrendo sobretudo ao artigo de Quine *Sobre o que há*, uma discussão acerca de questões ontológicas, o *compromisso ontológico* quineano e seu nominalismo fundamentado neste compromisso. Num segundo momento procuramos tratar da crítica promovida por D.M Armstrong ao nominalismo quineano, chamado de forma pejorativa por este de *nominalismo do avestruz*.

Armstrong, após tecer críticas ao critério de Quine, procura sustentar sua ontologia que aceita tanto particulares quanto propriedades (universais). No entanto, todo defensor do realismo enfrenta o problema de explicar como que o particular se relaciona com as suas propriedades. A solução dada pelo filósofo em questão é recorrer aos *estados de fato*. Num estado de fato não há como separar, a não ser abstratamente, o particular de suas propriedades, ambos estão tão intimamente ligados que é difícil falar de uma relação entre eles. Tal solução também é responsável por evitar o problema dos regressos que é atribuído a todas as explicações relacionais dos universais.

Agradecimentos

Sou grato ao professor orientador pelas correções, dicas e incentivos em relação a pesquisa. Também sou grato pelos colegas que leram meu trabalho e fizeram apontamentos pertinentes em relação a escrita do trabalho.

Referências

ARMSTRONG, D.M. **Universals: Volume I: Nominalism and Realism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

_____. **Universal: An Opinionated Introduction**. Boulder: Westview Pres, 1989.

QUINE, O.W. **On What There Is**. In: QUINE, O.W. From Logical Point of View. NEW YORK: Harper Torchbook, 1963.

_____. **Quantificação e Existência**. In: Existência E Linguagem: Ensaio de Metafísica Analítica. Lisboa: Presença, 1990.

_____. **Relatividade Ontológica** In: Os Pensadores: Ryle, Strawson, Austin e Quine. Tradução: Balthazar Barbosa Filho. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural.1989.

_____. **Sobre o Que Há**. In: Existência E Linguagem: Ensaio de Metafísica Analítica. Lisboa: Presença, 1990.

_____. **The Ways of Paradox and Other Essays**. New York: Random House, 1966.